

Superávit não dá nem para juros

Rio — "O Brasil precisa este ano, dentro do programa de ajuste do balanço de pagamentos, chegar a um superávit de US\$ 6 bilhões, que significa um esforço de exportação de US\$ 2 bilhões de produtos siderúrgicos, mais de US\$ 2 bilhões de soja e outros US\$ 2 bilhões de café. Toda essa tremenda mobilização nacional vai virar vento porque esses US\$ 6 bilhões não chegam nem à metade de que vamos pagar de juros este ano". A informação é do diretor da Cacex, Carlos Viacava, que ontem, durante palestra no 24º Congresso do Instituto Latino-Americano de Ferro e Aço (Ilafa), falou sobre o crescimento da dívida externa brasileira e o esforço do governo para alcançar um superávit de US\$ 6 bilhões este ano na balança comercial.

Na palestra principal, o ex-ministro da Fazenda do Chile e ex-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Felipe Herrera, disse que a América Latina deve utilizar a Europa como modelo e desenvolver o quanto antes um sistema monetário comum. Disse também que é indispensável uma mudança no sistema financeiro e monetário internacional, assim como uma maior integração entre os líderes dos países latino-americanos.

Em sua breve palestra durante o expediente matinal do Congresso, Carlos Viacava mostrou a evolução da dívida externa brasileira que em 1973 girava em torno dos US\$ 6 bilhões — US\$ 12 bilhões de dívida bruta mais US\$ 6 bilhões de reservas — e hoje já ultrapassa aos US\$ 90 bilhões. Disse ainda que de 1973 a 1980 o Brasil acumulou um déficit de US\$ 30 bilhões na balança comercial: "Essa diferença entre as importações e as exportações foi uma das principais causas do endividamento externo do país, ao que se somou também o déficit no setor de serviços".

Esse deslocamento da poupança externa para o Brasil tornou a renda per-

capita do País 10 vezes maior, disse ele, lembrando, no entanto, que hoje os poupadorexternosnãoestãomaisdispostos a financiar nosso desenvolvimento econômico. Para Viacava, a crise de liquidez sem precedentes na história levou a uma reversão do desenvolvimento nacional e aos problemas que hoje nos afiguram. Os juros dispararam e, segundo ele, o mundo não pode sair da crise se persistirem essas elevadíssimas taxas de juros. O diretor da Cacex concluiu afirmando que o interlocutor para os países em desenvolvimento não pode ser os bancos e, pessimista, admitiu que não nos resta outra saída senão conviver com essa difícil situação.

Felipe Herrera também criticou as altas taxas de juros do mercado, lembrando que elas passaram de 1,8% em 1970 para 18% em 1980. Herrera mostrou também que em 1960 as fontes públicas e governamentais representavam dois terços dos empréstimos à América Latina. Em 1980, 60% dos empréstimos já vinham de bancos privados, o que significa um encarecimento de recursos. Herrera criticou também a falta de unidade na América Latina e disse ser indispensável que se procure uma forma de integrar mais os países latino-americanos até mesmo como uma forma de contornar a difícil situação internacional: "Se o presidente Reagan conseguiu juntar os oito líderes do Ocidente para trocar idéias, por que os líderes latino-americanos não podem se reunir para concretamente buscar soluções?"

O ex-presidente do BID concluiu dizendo que é necessário que a América Latina siga o exemplo da Europa e busque a forma de um mercado comum como solução para a crise internacional. Segundo ele, poderia ser criado um sistema monetário interno da mesma forma que há anos foi criado o BID.